



# Anais da Assembléia

Nº 152

CURITIBA, QUINTA-FEIRA, 03 DE DEZEMBRO DE 1981

ANO VII

## 3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA ATA DA SESSÃO SOLENE DE ENTREGA DE TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ REALIZADA EM 03 DE DEZEMBRO DE 1981 QUINTA-FEIRA

Presidência do Senhor Deputado João Mansur, secretariada pelos Senhores Deputados Ezequias Losso e Nílso Sguarezi.

Às 15:00 horas é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: João Mansur, Gilberto Carvalho, Fiori Luiz, Augusto Carneiro, Nílso Sguarezi, Ezequias Losso, Edilson Alencar, Adalberto Daros, Aguinaldo Pereira Lima, Airton Cordeiro, Antônio Cotrim, Antônio Facci, Basílio Zanusso, Carlos Zanlorenzi, Cyro Martins, Dácio Leonel, Darcy Deitos, David Cheriegate, Del Ciel, Deni Schwartz, Egon Pudell, Erondy Silvério, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Germote Kirinus, Gilberto Agibert Filho, João Elísio, José Domingos, José Domingos Scarpelini, José Tavares, Jurandir Messias, Lázaro Dumont, Leônidas Chaves, Lineu Turra, Luiz Alberto Oliveira, Mário Celso, Nilton Friedrich, Nelson Buffara, Nestor Baptista, Palácios, Paulo Camargo, Pinto Dias, Quielse Crisóstomo, Renato Bernardi, Renato Bueno, Romero Filho, Tadeu Lúcio Machado, Rosário Pitelli, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Túlio Zanchet, Valduga, Waldyr Pugliesi, Werner Wanderer e Wilson Fortes. Presentes ainda, inúmeras autoridades civis, militares e eclesiásticas e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Sob a proteção de Deus, declaro aberta a Sessão Solene de entrega de título de “CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ”, a Sua Eminência DOM PAULO EVARISTO ARNS, Cardeal Arcebispo Metropolitano de São Paulo.

Para receber e acompanhar até este Plenário Sua Excelência o Senhor Dr. José Hosken de Novaes, Vice-Governador do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Sr. Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Estado e o homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Senhores Deputados: Waldyr Pugliesi, Gilberto Agibert Filho, Airton Cordeiro, Pinto Dias, João Elísio e José Domingos Scarpelini.

Suspendo a sessão por alguns instantes até a chegada de Suas Excelências.

(É suspensa a sessão).

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Está reaberta a Sessão.

Esta Presidência tem a honra de anunciar a composição da Mesa: Sua Excelência o Senhor Dr. José Hosken de Novaes, Vice-Governador do Estado do Paraná - representante de Sua Excelência o Sr. Governador Ney Aminthas de Barros Braga; Sua Eminência D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo Metropolitano de São Paulo; Sua Excelência o Sr. Desembargador Assis Saldanha de Loyola, representante do Excelentíssimo Sr. Desembargador Helianto Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; Sua Excelência, o Sr. Arquiteto Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba; Sua Excelência Reverendíssima D. Pedro Fedalto, Arcebispo Metropolitano de Curitiba; Sua Excelência o Sr. Professor Ocyron Cunha, magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná; Sua Excelência o Sr. Deputado Ezequias Losso, 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Sua Excelência o Sr. Deputado Nílso Sguarezi, 2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Convido os presentes a ouvirem o “HINO NACIONAL”, executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado. (É executado o Hino Nacional).

(Palmas).

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Solicito do Sr. 1.º Secretário, a leitura do Diploma de Cidadão Honorário do Paraná, com que é agraciado Sua Eminência DOM PAULO EVARISTO ARNS.

O SR. 1.º SECRETÁRIO (Ezequias Losso) (Lê): “República Federativa do Brasil. Estado do Paraná. Título de Cidadania Honorária.

Os Poderes Constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com a Lei Estadual n.º 7477, de 8 de julho de 1981, conferem ao Eminentíssimo Cardeal Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns — O Título de Cidadão Honorário do Paraná, para o que mandaram expedir o presente Diploma.”

Assinam: Helinato Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça; Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Estado; João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa.

(Palmas)

Tenho a honra de convidar o Excelentíssimo Senhor Vice-Governador do Estado, Dr. José Hosken de Novaes, neste ato representando Sua Excelência o Governador Ney Braga, que faça a entrega do Diploma ao nosso homenageado de hoje...

(Palmas).

(Faz a entrega...)

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Para falar em nome deste Poder Legislativo e enaltecer as qualidades do homenageado, concedo a palavra ao Sr. Darcy Deitos.

O SR. DARCY DEITOS — Sua Excelência Sr. Deputado João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Sua Excelência, o Sr. Dr. José Hosken de Novaes, digníssimo Vice-Governador do Estado do Paraná, representante do Excelentíssimo Governador Ney Braga, Sua Eminência, Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo Metropolitano de São Paulo; Sua Excelência Desembargador Assis Saldanha de Loyola, representante do Excelentíssimo Sr. Desembargador Helianto Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; Sua Excelência Sr. Arquiteto Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba; Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Fedalto, Arcebispo Metropolitano de Curitiba; Sua Excelência Sr. Professor Ocyron Cunha, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná; Sua Excelência, Sr. Deputado Ezequias Losso, 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Paraná; Sua Excelência, Sr. Deputado Nílso Sguarezi, 2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Digníssimo Padre Coutinho, ex-Deputado Federal; Dom Décio Pereira, Bispo Auxiliar de São Paulo; Monsenhor Geraldo Melo, Arcebispo do Cabido Metropolitano do Estado de São Paulo.

Demais Senhores Bispos, Senhores Secretários de Estado, Srs. Deputados, Ilustre ex-Governador, Sr. Jayme Canet Júnior, delegações de São Paulo, comunidades eclesiais de base, senhoras e senhores.

“CARDEAL DOM PAULO EVARISTO ARNS,

## "APÓSTOLO DA ESPERANÇA"

"Tenho a impressão de que cada dia seja mais difícil, mas tenho a impressão de que todos os dias nascem aureolados pela esperança".

"Eu acho que o mundo de ontem foi importante, mas também quer parecer-me que o sol seja mais fecundo e luminoso do que a lembrança do sol de ontem.

Portanto, o dia de hoje e de amanhã me parecem mais esperançosos do que os dias que passaram" (Dom Paulo Evaristo Arns)

Estas duas frases, anexadas num só período propositalmente, revestem-se de um significado dos mais preciosos para toda a humanidade. O homem crendo no dia de amanhã, tendo a certeza de que sua obra não é realizada em vão, e tendo, à sua frente, um dia negro, mas encarando-o como um oásis no deserto. Esta luz que norteia os homens que chamamos de fé, tem sido a base da vida de um especialmente, que colocou, como objetivo de sua vida, a defesa dos fracos e dos oprimidos, e como meta principal, a libertação de todos os que sofrem com as injustiças.

Afirmar que o nosso homenageado de hoje somou, em toda a sua vida, todas as riquezas que a complexidade da espiritualidade exige para um ser completo, que sua cantilena tem servido de rumo e seta para milhões e milhões perdidos no mundo, que sua obra tem feito sombra ao acúmulo de ações que se perpetram pelo bem nos mais diversos pontos do Planeta, seria, por mais que se insistisse, de uma pequenez comparada a um grão de areia.

Entretanto seus passos, pelos quais tem se guiado tantos até então sem rumo, deixam à humanidade o legado que poucos acumularam.

O missionário da paz, da justiça, dos pobres, dos oprimidos, dos velhos, dos jovens, dos perseguidos. O missionário que deixou o mundo perplexo com os desafios ao arbítrio, Dom Paulo Evaristo Arns é um catarinense de Forquilha, do Município de Criciúma, Santa Catarina. Sua biografia dispensável seria, não fosse tão rica de experiência de vida e um exemplo de aprendizado.

Formado em Filosofia nesta Capital e Teologia em Petrópolis, no Instituto dos Franciscanos, ordenou-se em 1945. Em 1947, já em Paris, ingressou nos estudos de Letras da Universidade de Sourbonne, onde doutorou-se em 1952. Retornando de Paris, iniciou sua carreira de mestre, ao lado do sacerdócio. Duas missões honrosas que soube dignificar e até hoje são apontadas pela grandeza. Foi Professor do Seminário Menor de Agudos de 1953 e 1955. Em Bauru, interior do Estado de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns introduziu a Língua e Literatura Francesas entre as cadeiras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras daquela cidade paulista. No mesmo período foi professor no Teologado Franciscano de Petrópolis e na Universidade Católica.

Enquanto mestre em Petrópolis, Dom Evaristo iniciou, efetivamente, seu trabalho junto aos pobres. Seu contato foi com os habitantes dos morros durante 10 anos e meio.

Pouco tempo após o País ter sido convulsionado pela brusca mudança institucional, e quando as brasas da insatisfação queimavam no Brasil, Dom Paulo é nomeado Bispo de São Paulo pelo Papa Paulo VI. E, durante quatro anos, sua ação voltou-se para a Região Norte da Arquidiocese de São Paulo, onde atuou como Vigário Episcopal. E então é nomeado para Arce-

bispo Metropolitano de São Paulo. Hoje é Cardeal da Santa Igreja, tendo sua investidura ocorrido em 1973, quando o Brasil atravessava outra de suas fases mais difíceis, e quando o obscurantismo assolava os brasileiros.

Por coincidência ou por sua vibrante atuação, a vida deste homem é marcada pelas mesmas datas que se destacam na história recente do Brasil. O sacerdócio tem, assim, se constituído no espaço para exigir e fazer a defesa da volta das liberdades democráticas ao País, numa ação que atravessa fronteiras e atinge aos países da América Latina.

O Brasil, assim como o mundo, e especialmente o Terceiro Mundo, tem sido o terreno das mais profundas crises enfrentadas pelo capitalismo. Um novo período de enfrentamento é articulado.

Sabemos hoje que das conversações entre as duas grandes potências mundiais que dialogam na Europa — mas dialogam com granadas nos bolsos — sairá, no máximo uma decisão favorável à humanidade. Ao invés de manter instalados mísseis que poderiam destruí-la 44 vezes, ficarão, ali na Europa, armamentos para acabar de uma vez só com a humanidade.

Um situação de tensão crescente nos leva a crer que, como Nação dependente, como potência a reboque, o Brasil poderá ser o alvo da alteração do eixo de uma guerra inter-imperialista, semelhante à Primeira Guerra Mundial. Esta guerra cujos danos dolorosos a humanidade chora até hoje, mesmo passado outro conflito mundial e dezenas de localizados e regionais, identifica-se com o quadro agora verificado. Envolve aqueles que pouco decidem hoje nas nações. O povo, a maioria trabalhadora.

No período que antecede a preparação dos canhões, e que implica numa corrida armamentista, colocando o Brasil entre os maiores exportadores de armamentos do mundo, põe-se em xeque valores, posições, propostas, questões levantadas. E o homem volta os olhos para si mesmo, analisando, de fora para dentro, sua condição como ser mediante uma eclosão de tal caráter. Inicia-se um processo em que a sua condição universal se resume. E os homens, de novo, enlaçam as mãos.

O que temos visto na Europa e Estados Unidos, onde a sociedade organizada se avoluma em protestos, são manifestações cujas palavras de ordem não são outras senão paz, paz, paz. E cerca de 800 mil já bradaram, juntos, "acabemos com a guerra antes que ela comece".

As multidões não interessa de onde vem a ameaça. Há a consciência de que a humanidade só sairá perdendo. E, no bojo dos protestos se coloca, sobretudo, o amor pela vida, pela liberdade, pela perpetuação da espécie, pela preservação dos valores.

Uma frase de Dom Evaristo, colocada na ordem interrogativa, é praticamente uma resposta para compreensão do problema: "Perdeu-se o respeito ao homem nestes dias que correm?"

E este mesmo homem, com suas sábias palavras, poderia responder, em seguida: "o fato é que a humanidade não pode viver sem o respeito aos valores que contam".

É nesta encruzilhada que se encontram os homens hoje, em nações administradas por aqueles que defendem interesses diversos dos seus, e em cujas soluções não se imprime e muito menos se exprime a vontade do homem como ser espiritual, que não sobrevive apenas do pão. "A Igreja tem tentado trazer-nos de volta o respeito e, se possível, a admiração diante do homem", disse Dom Evaristo em uma de suas obras.

Na verdade conclui-se que nós, sós, pouco temos podido realizar nesta sociedade onde os valores estão virados de cabeça para baixo, transmutados, transformados. E, em meio a esta pirâmide que se equilibra — e o faz debilmente — todo ato se constitui numa ação que pode atingir a massa. Reflete em milhões de vidas, onde, não raras vezes, a dignidade foi substituída por uma fraca sede de subsistência, pois a própria sobrevivência é colocada em dúvida sem a implicação do subsistir como ma-

téria.

Assim, a Igreja tem se aproximado, rapidamente, do fogo dos acontecimentos. Envereda por caminhos antes ousados somente nas catástrofes ou mudanças radicais em eclosão. Agora a presença emergencial da Igreja vem não só para bandagens. Mas para apontar caminhos, para estar, lado a lado, com os que se colocam em protesto. Com os que verificam estarem os princípios éticos violentados pelos interesses do capital e do poder. E o campo de luta deixa de ser, então, apenas o pontilhado por alguns. Transfere-se para onde toda a sociedade se aglutina. E sua presença é clara e nítida em suas posições.

Em toda a América Latina, centro das mudanças sociais no mundo ocidental, centro dos grandes martírios, onde se perpetraram as grandes camifricinas nos últimos anos, e onde se ostenta um chamado "cone sul", que bem poderia ser denominado de "funil da morte", a Igreja deu um salto.

Há quem afirme que em 20 anos a Igreja na América Latina progrediu 500. E o fez para adaptar-se às exigências de uma parcela do Planeta cujos homens se tornavam cadáveres por cometerem o grande crime de clamar por liberdade.

Se hoje o mundo vive, novamente, sob a ameaça de um fratricídio, se a humanidade se questiona como espécie, a América Latina, com sua história-mártir de extermínio de povos inteiros, de nações indígenas na totalidade, de sepultamento de culturas, vem carregando sobre suas costas o peso da dominação. E não é de hoje.

Nossa literatura enriqueceu-se nos últimos anos. Os escritores latino-americanos não conseguiram fugir ao cerco que o movimento social e político lhes impôs. E vemos, na jovem literatura de Galeano, Garcia Marques e tantos outros, o soluço preso na garganta daqueles que não puderam soltar o grito de dor, da tortura, da morte, da prisão violenta, da destruição de liberdades conquistadas.

A América Latina conseguiu se transformar num dos principais centros do mundo em convulsão, não pela construção de uma nova sociedade, calcada em princípios justos de igualdade, solidariedade. Mas por ostentar, agora, as marcas e cicatrizes daqueles cujas vozes foram caladas no torniquete, e ainda continuam.

E onde esteve a Igreja nestes anos?

"Não existe Igreja moderna — costuma afirmar Vossa Eminência. "Cristo, ao fundá-la, fê-la perfeita em sua essência e, ainda que peregrina, sempre eterna e jovem. Temos para com o mundo uma missão, uma responsabilidade, um dever de amor e de esperança, caminhamos unidos à Cabeça, que é Cristo de ontem, de hoje e sempre, como nos diz o Apóstolo das Gentes, São Paulo".

Estas são afirmações suas, Dom Evaristo, e que tem paudado a nós e tantos outros que se lançaram na dura missão de salvaguardar os interesses das maiorias exploradas e das minorias sem meios de defesa.

Assim, se torna fácil responder à pergunta feita anteriormente: onde esteve a Igreja nos negros anos que enlutaram e continuam enlutando a América Latina?

Realmente a Igreja não se fez outra para assumir o seu papel entre nós. Sabemos, através da história, que ela sempre esteve em posição de desafio ao Estado, ao lado do povo nos momentos em que o colocou como opção. Se no período feudal alguns setores dela, aparecem como grandes proprietários de terras, hoje propõe uma distribuição justa, e oferece as suas. E se coloca no fogo para a defesa dos posseiros urbanos e rurais.

Esta opção, hoje muito clara, rebustecem sua opção histórica. Em 1968, quando as massas trabalhadoras, jovens e velhos descontentes, convulsionavam o mundo, quando o aparelho repressivo da América Latina, inspirado e respaldado nos interesses estrangeiros e da burguesia nacional aperfeiçoava sua tecnologia utilizando homens como ratos, a Igreja latino-ameri-

cana fez sua opção. Em Medellin, o Episcopado decidiu, toda a atenção ao homem deste continente, que, como Vossa Eminência mesmo afirmou, "vive um momento decisivo do seu processo histórico".

Também nosso homenageado afirmou que a "América Latina está sob o signo da transformação e desenvolvimento", e nós acrescentamos mais: o povo latino-americano, abraçado com os outros povos oprimidos, necessita transformar a sociedade como um todo.

Na década de 60 e seguinte as massas foram para as ruas. E os religiosos também. As forças populares enfrentaram os cárceres. Os religiosos também. Os brasileiros e latino-americanos foram expulsos de suas pátrias. Os religiosos também. A sociedade civil foi violentada. A Igreja também.

Pela história recente, e que ainda é levantada, temos exemplos e mais exemplos de perseguições, invasões, mortes. Seis religiosos mortos, dois banidos, dez expulsos e 153 presos. As prisões mais de 150, atingiram padres brasileiros e estrangeiros, que participavam de manifestações ou de simples trabalhos de conscientização, fizeram, durante algum tempo, parte do dia a dia da Igreja.

Todos estes exemplos de martírio, aos quais se acrescenta ainda a dolorosa história do Frei Tito, que optou pelo fim de sua vida a continuar distanciado, arbitrariamente de sua terra, demonstram a vinculação da Igreja com as lutas populares.

As mudanças ocorridas na década de 60 violaram os direitos humanos, retiraram dos brasileiros as suas liberdades conquistadas.

Se a história, naquela época, não conseguia apontar os autores da "façanha desumana" que a tantos perseguiu e atingiu, hoje temos clareza do que se tratou o plano. Sabemos quais os interesses que nortearam as ações. Sabemos que foi o resultado do pacto, nascido de fora para dentro, contra a nação que conquistava e avançava no sentido do futuro. Sabemos que foi a mesma sede que acaba por levar nossas riquezas naturais, nosso mundo amazônico, que arrisca tudo na corrida armamentista, que financiou a verdadeira bomba que explodiu sobre o povo que crescia, acreditando no seu potencial.

Vossa Eminência já apontou a violação dos direitos humanos como prova da decadência do homem. Diz também Vossa Eminência, que este fenômeno cobre todo o planeta. E a fonte, completa, é a negação do outro, o desprezo pelo outro. E afirmou — "chegamos ao ponto insustentável em que dos quatro bilhões, aproximadamente, que hoje vivem na Terra apenas 25%, ou seja, 750 milhões, respiram a verdadeira liberdade em seus países.

Levantamentos realizados no Brasil, recentemente, revelam ainda que de cada dez pessoas que vivem nas grandes cidades brasileiras, sete vivem sob o temor de serem presas. Estas, nem todas sobressaltadas pela ação política, são, na verdade, vítimas da sociedade violenta, gerada do modelo econômico e social que imprime diferenças gritantes entre ricos e pobres, que faz existirem a opulência e a miséria absoluta, que faz existirem palácios e favelas, que faz haver no Brasil 40 milhões de marginalizados da produção e um imenso exército de cidadãos sem acesso às condições mínimas de manutenção dos padrões da dignidade humana.

Estes dois medos, geradores de terrores íntimos e coletivos, estão estreitamente vinculados aos valores escolhidos como princípios do modelo que nos administra, onde nem as necessidades coletivas — e muito menos as individuais — são supridas.

E é preciso estar sensibilizado e atento à evolução de um povo em si no sentido de um povo para si, não no aspecto fechado, limitando suas relações na sociedade e no mundo. A questão está colocada no sentido de que um povo precisa ter o que carece para poder ser.

Assim, então, podemos falar da substância última que nos

une, que nos imana: a aspiração de ser pessoa, pessoa plena, homem inteiro, cidadão consciente. Mas homem que não corta suas relações na sociedade, sua interdependência, e que coloca a grande luta pelo estado de consciência, pela ampla revelação de nossas possibilidades; a luta pelo estado de consciência social e individual, condição para a melhor geração e usufruto do progresso.

Para melhor fazer compreender o que pensamos, é necessário lembrar que vivemos momentos marcados pelo arbítrio e pela violência desencadeada à revelia de nossa vontade. A guerra injusta, desigual, travada pelo insano desejo de ampliar e apropriar riquezas extraídas do trabalho. Uma guerra travada contra os humildes, os que dispõe apenas de sua força de trabalho para garantia de sua sobrevivência.

Neste campo de luta em que se transformou o País, onde milhões de homens foram submetidos à exploração mais aguda, fez-se do terror a arma preferida dos opressores. Instalou-se o medo em todas as consciências, tomou-se a indignidade e a corrupção dos espíritos como meio de manter aliados. Nos anos mais difíceis desta provação, a Igreja assumiu um papel claro e objetivo em favor dos oprimidos. Caminhou para a adesão resoluta em defesa dos direitos básicos de todos os que lutavam pela libertação. E erigiu-se em Igreja dos homens que procuravam outra verdade que não aquela extraída em porções de tortura.

A verdade expressa em séculos desta experiência maravilhosa do homem em busca de sua plenitude, de sua libertação do reino das necessidades. A Igreja constituiu-se em abrigo dos ofendidos e humilhados, dos que reagiram a este tempo de traições aos princípios básicos da própria fé cristã.

Não foi uma adesão sem ônus: entre os que tombaram nas frentes de luta estavam religiosos. Igrejas foram invadidas, padres perseguidos, presos, expulsos. Ainda hoje somos testemunhas desta guerra surda que não respeita nem mesmo o espaço sagrado e vai buscar nos altares suas vítimas, transformadas em réus de um crime que o autoritarismo criou para fazer valer seu desejo de perenidade: o crime de consciência.

O exemplo mais vivo é a situação dos padres franceses Aristides Camio e Francisco Gouriou, que desde primeiro de setembro se encontram em cativeiro, sendo processados pela Lei de Segurança Nacional, acusados de "conscientizar" um povo levado a reagir diante da violência que lhes anuncia a morte.

Presidiários do mesmo autoritarismo que em sua vocação absolutistas, pretende, por vezes, tecer sua própria e original interpretação das Escrituras, numa tentativa particular de justificar seus atos perante uma população de fé cristã.

Deste período a Igreja nos legou seu ensinamento maior. De que a esperança é possível e necessária mesmo nos momentos mais difíceis e sombrios. De que é possível lutar mesmo quando enfrentamos os adversários mais poderosos, desde que estejamos armados da verdade e da justiça. De que é boa a luta que se faz ao lado dos oprimidos, porque deles é o futuro e deles irradia a certeza de que os homens ainda construirão um mundo de liberdade.

Um dos grandes apóstolos desta esperança que nutre nossas ações, foi, sem dúvida, este homem de valor incontestável, Dom Paulo Evaristo Arns, nosso homenageado. Toda a sua obra é uma proposta de vida, construída pela experiência dos que não desistem, dos que não fraquejam, dos que não perdem a esperança.

Dom Paulo Evaristo Arns nos transmite em seu caminhar de lutas, a sabedoria dos que tem fé nos destinos da humanidade e nos ensina a dotar a paciência como método, a constância como virtude, o vigor e o empenho como atitudes.

Dom Paulo Evaristo Arns, o mais novo cidadão honorário do Paraná. Por sua luta, um cidadão do mundo, identificado em todos os lugares e em todos os momentos em que um oprimido entoa seu canto à liberdade e alça suas mãos em preces por um mundo melhor. Que nos põe diante de tantas tarefas

como lembra o padre poeta, Ernesto Cardenal:

"Há tanto semear  
tanta criança a ensinar  
tanto enfermo a curar  
tanto amor a realizar  
tanto canto".

E nós precisamos cantar uma nova época que vai nascer, em que homens estarão mais próximos do exemplo de confiança, de amor, de esperança que se traduz na vida e na obra de Dom Paulo Evaristo Arns..."

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Com muita honra e satisfação concedo a palavra ao Eminentíssimo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, nosso ilustre Cidadão Honorário.

O SR. DOM PAULO EVARISTO ARNS — Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, Deputado João Mansur; prezado Sr. Vice-Governador do Estado, Dr. José Hosken de Novaes, meu querido colega, Sr. Arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto; todos os demais colegas bispos que tanto me honram; prezado Prefeito Municipal de Curitiba, Arquiteto Jaime Lerner, querido amigo e Reitor Magnífico da Universidade Federal do Paraná, professor Ocyron Cunha; prezado 1.º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, Deputado Ezequias Losso; prezado 2.º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, Deputado Nilso Romeu Sguarezi.

Meus bons amigos e co-estaduanos, uma boa tarde para vocês e um grande abraço do povo paulistano ao povo de Curitiba e do Paraná. E queiram permitir que, neste momento que eu considero de ação de graças, não apenas de agradecimento, que me sirva do texto do Profeta Isaías (26,1-6), proclamado nas celebrações eucarísticas de hoje, por mais de quatrocentos mil padres, nos altares da Igreja Universal. Que a Curitiba e ao Paraná se apliquem os mesmos versos e os mesmos votos com que o vate de Israel cercava a terra de Judá:

"Temos uma cidade forte, para nossa salvação o Senhor nos deu muro e ante-muro.

Estás decidido: tu manterás a paz, sim, a paz, porque a ti foi ela confiada. Põe tua confiança em Iahweh para todo o sempre, porque Iahweh é uma rocha eterna."

Esta é a mensagem da Igreja Católica na leitura de hoje.

E ainda, no dia de hoje, ressoam por toda a terra, nas mesmas celebrações, as palavras do Evangelista Mateus, em favor dos que edificam a casa sobre a rocha:

"Nem chuva, nem rios, nem ventos a fazem desabar, porque se edificou sobre a palavra de Deus" (7,21ss).

Por estes votos bíblicos entendo significar ao bondoso e generoso e valoroso Deputado Deitos, que recebo desvanecido o Título, como também quero dizê-lo a todos os meus Deputados do Paraná, mas não por meus méritos pessoais, e sim porque fui escolhido, sem merecimento de minha parte, para arauto do Evangelho, na cidade bandeirante.

Mesmo assim, deixem-me dizer, como o Paraná me cativou.

#### 1.º — MINHA GRATIDÃO PESSOAL

Existe nesta Terra do Paraná uma cidade, que nunca se apagará da imaginação de centenas de franciscanos e de milhares de brasileiros, que lá foram acolhidos com carinho e fidelidade. É Rio Negro, a humilde Rio Negro. Síntese por anos de nossas esperanças e alegrias. Fonte de cultura e vida. Lá passei sete anos de minha existência, cursando ginásio e colégio e também ensinando.

Na imaginação da criança e do jovem, imprimiu-se, indelével, a imagem do pinheiro, símbolo do Paraná. Para nós, aspirantes ao sacerdócio, era como o cálice, que recolhe do céu o orvalho da bênção e distribui os frutos por toda a terra.

Foi em Rio Negro que despertamos para os valores do homem do Paraná, homem voltado para a família e para o campo. Foi lá que muitos de nós descobrimos a identidade do Brasil, através do Paraná, traduzido pelo símbolo da bandeira, "auriverde, pendão de minha Terra".

Em rio Negro acompanhamos o homem paranaense, desenvolvendo a pequena e média propriedade, garantia de alimento, saúde e de equilíbrio sócio-político, como agora me reafirmaram, duas semanas atrás, as Nações mais opulentas do mundo, que não é nas grandes transnacionais que eles buscam a sua fonte de equilíbrio e bem-estar, e sim na pequena e média propriedade.

No Paraná descobrimos a verdade enunciada há pouco pelo Papa João Paulo II:

"A família é ao mesmo tempo uma comunidade, que agradece ao trabalho a sua existência e faz dele a escola interna para todos e para cada um dos homens." (N.º 10).

Foi em Rio Negro que lemos os clássicos das mais diversas Nações, também da velha Grécia, mãe da cultura ocidental. Foi então que descobrimos, quem sabe, pela primeira vez, e para ser desafiado tantas vezes, o princípio, tão fecundo, da subsidiariedade; a comunidade local, criativa e responsável, realiza tudo o que lhe é possível e não deve tomar-se vítima, nem da tecnocracia, nem do paternalismo de instâncias superiores.

Mas foi sobretudo no Paraná, na cidade de Curitiba e de Rio Negro, e em contato com as famílias de um Estado, que irradiava otimismo por todos os poros, que nós, jovens, descobrimos o valor da Religião, fonte de esperança e de humanismo universal. Foi aqui que nos decidimos a consagrar nossa vida ao Evangelho de Cristo. E é por isso que o Paraná já era, à esta altura da vida, Estado por adoção.

Mas gostaria de confiar-lhes outro segredo da vida. Porque como co-estaduanos, queremos compartilhar tudo o que há de bom.

## 2. BENEFÍCIOS DA FAMÍLIA

Quando se abriram os horizontes da vida para 13 filhos, Helena e Gabriel, nossos pais, voltaram seus olhos para Curitiba. Dos 13 filhos vivos, 11 realizaram parte essencial de sua formação no Estado do Paraná.

Os pais acabaram por acompanhá-los. A cidade de Curitiba permitiu — e oxalá sempre permita — que a horta caseira completasse a economia e proporcionasse a satisfação do contato com a mãe-terra.

O pai, Gabriel, pioneiro em terras catarinenses, poderia abdicar de muitos títulos honrosos, menos porém do título de **colono**. Recordo-me, ainda, do momento em que me despedia, para o ingresso no Seminário de Rio Negro: "Você vai estudar muito, meu filho. Só lhe peço uma coisa: nunca se envergonhe de dizer que é filho de colono!" (Palmas).

Essas palavras me vieram à mente, quando a Universidade de Paris, a Sorbonne, me conferia o mais alto grau: o doutorado em Letras. Igualmente, na hora em que o Papa Paulo VI me impunha o chapéu de Cardeal. Sou filho de colono, para tudo o que a vida me oferecer e de mim exigir! (Palmas).

Nisso somos todos iguais, os irmãos. E aceito como irmãos, todos os que aceitam em primeiro lugar, a cultura que se exprime pela lealdade à terra, ao homem que trabalha, à justiça social, à liberdade de expressão e associação. Ao valor da religião, que une terra e céu.

Aqui em Curitiba, os progenitores colheram parte dos frutos que semearam nos 53 anos de casamento. Mas também aqui

a terra generosa da Água Verde, em Curitiba, iria tomar-se terra sagrada para toda a família, porque aí depositamos, com o maior carinho da vida: o pai, Gabriel, que foi como eu disse, pioneiro, mas o foi até à morte. E a mãe, Helena, que rezou por nós, o Pai Nosso e nele adormeceu e ressuscitou definitivamente. O cunhado, Aloísio Neumann, que deu a vida, salvando, no mar, seu filho e nosso sobrinho, junto com uma filha adotiva.

Somos do Paraná, porque aqui se alimenta o nosso afeto, que em Santa Catarina brotou, para sempre renascer.

## 3. HERANÇA DA IGREJA

No entanto, eu gostaria de confiar-lhes agora não apenas um segredo, mas o propósito fundamental da vida, a herança da Igreja.

O Título de Cidadão Paranaense — assim quero crer — é dado ao Cardeal-Arcebispo de São Paulo por causa dos laços que a História urdiu e a generosidade de dois Estados estreitou.

Em 1745, o Papa Bento XIV criava o Bispado de São Paulo, com jurisdição sobre os territórios do Sacramento, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Depois de funcionarem por mais de um século, as Varas de Paranaguá e, bem posteriormente, a de Curitiba, o Bispo de São Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, por Provisão dada em 2 de abril de 1879, criou **Vigaria Geral Forense**, com sede em Curitiba.

Preparava-se assim, com faculdades amplas, a criação da Diocese de Curitiba, criação esta efetivada em 27 de abril de 1892, não porém como sufragânea de São Paulo, que continuava simples Diocese, e sim, como sufragânea da Sé Metropolitana do Rio de Janeiro.

A nova Diocese, que abrangia todo o território dos Estados do Paraná e Santa Catarina, contava setecentos mil habitantes, nos dois Estados, distribuídos em 63 paróquias e 15 Curatos.

Meu pai, Gabriel, nascido em 1890, pertenceu por dois anos à Arquidiocese do Rio de Janeiro, a que Santa Catarina estava ligada.

Minha mãe, Helena, porém, nascida quatro anos depois, em 1894, fez parte da Igreja de Curitiba, porque, de 1892 até 1908, Santa Catarina toda se ligou à Diocese do Paraná. Esta, por sua vez, foi sufragânea, deste 1908 até 1926, da recém-criada Arquidiocese de São Paulo. Portanto, já estivemos unidos, durante 18 anos, por laços eclesiais.

Mas, não para aí a nossa caminhada comunitária. O primeiro Bispo do Paraná (1894-1904) foi o paulista de Itu, D. José de Camargo Barros, pároco de Santa Ifigênia, futura Catedral provisória de São Paulo.

Exímio tribuno e escritor, promoveu a fundação dos colégios do Sagrado Coração de Jesus, em Florianópolis, Tubarão, Blumenau e Braço do Norte, onde muitos de nossos parentes iriam estudar. Chamou ele ainda para Curitiba, entre outros, os Padres lazaristas poloneses, os Padres do Verbo Divino e os Padres franciscanos do Bom Jesus, junto aos quais eu faria, muito mais tarde, os meus três anos de Filosofia.

Após dez anos de pastoreio no Paraná e Santa Catarina, o paulista D. José de Camargo Barros, será restituído a São Paulo, como Bispo daquele Estado, para infelizmente, dois anos depois, perecer no naufrágio do navio *Sírio*, perto da Espanha.

O pintor Benedito Calixto perpetuou a cena do primeiro Pastor de Curitiba, absolvendo os companheiros de viagem, num gesto de fé e caridade.

"A Curitiba e ao Paraná, meus votos, minhas orações e toda a gratidão."

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Esta Presidência agrade-

ce a presença das ilustres autoridades civis, militares e eclesiásticas, e demais pessoas que tanto brilhantismo deram à solenidade.

Da mesma Comissão anteriormente designada, solicito que acompanhe Sua Excelência, o Sr. Dr. José Hosken de Novaes, Vice-Governador do Estado do Paraná e representante de Sua Excelência o Sr. Governador Ney Braga, Governador do Estado, durante sua permanência no Palácio 19 de Dezembro, bem co-

mo o Eminentíssimo Cardeal D. Paulo Evaristo Ams, à Capela deste Poder Legislativo, para cerimônia da bênção episcopal, e, a seguir, receber os cumprimentos.

Convido os presentes a ouvirem o Hino do Paraná, após o que estará encerrada a sessão.

(A Banda da Polícia Militar executa o Hino do Paraná).

Levanta-se a sessão.